

# COIMBRA

JORNAL DE ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE

ANO I

28 DE NOVEMBRO DE 1933

N.º 1

Redacção e Administração  
Associação Académica de Coimbra

Direcção e propriedade  
Jorge de Moraes e António Cruz (editor)

Composto e Impresso  
Casa Minerva — Coimbra

## NO LIMIAR CENTENARIO DA PORTA FERREA

pelo DOUTOR VERGILIO CORREIA

Este jornal não vem a público, como tantas outras publicações, moldado de tal jeito que preencha uma lacuna. Corresponde apenas a uma aspiração dos seus fundadores, aspiração essa que logrou encontrar franco e leal acolhimento da parte daqueles a quem foi comunicada. De sorte que hoje se começa a transformar essa aspiração numa realidade.

E' tempo de se declarar: *Coimbra*, jornal de estudantes da Universidade, não tráz consigo um programa de que tenha que dar conta ao público, a todos aqueles a quem hoje franqueia, pela primeira vez, as suas páginas. Traz, antes, um fim que pretende atingir: aproximar todos os estudantes que passam por Coimbra arredados uns dos outros, desconhecendo-se, e estabelecer o tão apregoado e tão necessário inter-câmbio entre Professores e alunos. E, assim, ao lado de trabalhos dos primeiros, que obsequiosamente acederam aos nossos rogos, já no presente número aparecem trabalhos dos segundos, — colegas nossos que não tem encontrado, da parte da Academia, o carinho e o apoio que merecem.

Pósto isto, nada mais há a dizer. Todos sabem já das nossas intenções. Resta, agora, que todos as compreendam devidamente, auxiliando esta obra que não é nossa, — mas sim de todos os estudantes da Universidade de Coimbra.

Em 26 de Novembro de 1633, há precisamente três séculos, Isidro Manuel, um canteiro do Campo do Mondego, estabelecido em Coimbra, tomou de empreitada perante o Reitor da Universidade, que então era D. Alvaro da Costa, e os lentes conselheiros da Fazenda, Lacerda, Valadares e Jácome, a construção de uma porta monumental para o Paço das Escolas.

Segundo se deduz do documento assinado pelos contratantes, a nova porta de acesso ao terceiro universitário haveria de erguer-se no local da antiga entrada, então apertada entre fortes cabelos, que seriam derrabados. O edificio universitário perderia dessa banda, o aspecto agressivo e cerrado de

fortaleza com a construção duma dupla porta consagrada a Minerva, em cujas fachadas as aparatosas figuras menineiras das Faculdades se imobilizaram sorridentes, ostentando atributos simbolicos: exteriormente o Direito e a Teologia, e dentro a Medicina e Canones; não faltando de um lado e outro as estátuas dos reis fundador e reformador, D. Diniz e D. João III. A' entrada militar do paço acastelado da Alcaçova, tão enriquecida nas épocas dionisiana e manuelina, que o rei D. João III concedera para instalação da Universidade, substituiu-se uma construção civil e escolar, cuja planta foi traçada por António Tavares, mestre das

(Conclui na página oitava)

## FRUTO PROIBIDO

Ai do que em seu amor falar não deve,  
E até mesmo do objecto amado o esconde!  
Sobe esse uma ladeira íngreme, aonde  
O chão ora é de lume ora de neve.

Nunca de choro tantas ganas teve,  
Mas se o chamam, sorrindo é que responde;  
Com fome, vê pender, de espessa fronde,  
Lindo fruto, e a colhê-lo não se atreve.

A luz que aquece os mais, causa-lhe ardor;  
E ele, todo queimado por seu fogo,  
De apagá-la concebe então a idea:

Mas das outras difere a luz do amor,  
Porque as outras, sem ar, fenecem logo,  
E a luz do amor, se abafam, mais se ateia.

(INEDITO)

Esta numero foi visado pela censura

EUGENIO DE CASTRO



## C O I M B R A



Motivo do Artista D. DIOGO DE RERIZ

O sítio é manso, quieto, — sombrio e pacato. Há, no sítio, melancolia, saudade. E há melancolia, — na natureza e nos seres.

Vem uma aragem leve, das bandas do rio, sacode as árvores que se erguem para os altos céus, — e logo a calçada fica atapetada de fólhas mortas.

Vive ali António Nobre. Escoteira para a sua morada a velha torre que de Anto tomou o nome, — do Anto que se perdia pelas ruas do bairro latino, embaçado

EM HOMENAGEM A  
ANTONIO  
NOBRE

por ANTONIO CRUZ

na sua capa negra e comendo estrofes que ficaram para sempre ligadas a Coimbra, ao luar de Coimbra, à paisagem de Coimbra, — que ficaram para sempre

ligadas às maravilhas desta Coimbra de encantos...

Debraçado nas pequeninas e estreitas janelas góticas da torre, o Poeta inspirava-se no cenário que lhe ficava em derredor. Seus olhos, distendendo-se sobre o casario da baixa, embriam-se nas águas mansas do Mondego, para se demorarem, ao depois, em êxtasi, no casario alegre e caído do bairro de além-rio, do bairro menino de Santa Clara, com seu mosteiro no alto, a coroá-lo, onde



# A Orchidea

DE  
**José Joaquim da Cunha Melo**  
 Fábrica de Coroas, Flores Artificiais  
 e aprestos para as mesmas

▼  
 Telefone 4078  
 94, Rua das Flores, 102  
 PORTO

## ACADEMICOS!...

Comprai as vossas  
 camisas,

peugas,

luvas e demais  
 artigos na  
 acreditada

casa

**João Mendes, L.<sup>da</sup>**

## Nova Leitaria Académica

DE  
**Joaquim Inácio**

Tel. 117 7, R. Larga, 9

COIMBRA



Para chás, noitadas, cafés,  
 E outros bons bocadinhos:  
 A Leitaria Académica  
 Tem sempre licor's e vinhos...

## Farmacia do Castelo

Telefone 183

SECÇÃO CIRURGICA

COIMBRA

### MOBILIARIO

Mezas de operações, Mezas de pensos, Irrigadores de columna,  
 Lavatórios, Armarios para ferros, Estufas para ferros e Bancos rotativos

### INSTRUMENTOS DE CIRURGIA

Depósito de material cirurgico importado directamente das principais  
 fábricas de França e Alemanha, Sempre Novidades

### ELECTRICIDADE MEDICA

Aparelhos de raio X, de diatermia, de raios ultra violetas,  
 de raios infra vermelhos e Lampadas Solux

### MECANOTERAPIA

Aparelhos da casa Rossel Schwarz & C.<sup>a</sup>

Preços de absoluta concorrencia com as casas Lisboa e Porto

# Café Académico

## FAUSTO ROXO

Lanches, pequenos almoços,  
 vinhos, bilhares etc., etc.

Rua Larga, 19 — COIMBRA

**Mendes Castanheira, L.<sup>da</sup>**

SÉDE:

Rua Bordalo Pinheiro, 76

COIMBRA

TELEFONE 757

MANTEIGARIA:

R' dos Banhos, 51 — F. da Foz



# DESPORTOS

## A verdade do último Académica-União em foot-ball

por ARMANDO SAMPAIO

O último encontro entre os dois eternos rivais do distrito de Coimbra, que durou apenas dez minutos, tem dado muito que falar. Certa imprensa afecta ao União tem tomado o partido deste club, fazendo d'êle uma defeza cerrada. Estes jornais estão no seu pleno direito e ninguém lhes poderia levar a mal, se não fôsem as falsas acusações de que se servem e o despalante com que deturpam a verdade. E' isto que não podemos deixar sem reparo e nos leva a repôr a verdade dos factos no seu devido lugar.

Não venho em defeza da Associação Académica, porque Ela nenhuma interferência teve no conflito, embora certos espiritos malévolos já tenham pretendido atingi-la indirectamente, com piadas e ditos.

Venho falar unicamente por amor à verdade que tão deturpada tem sido.

Disse acima que a A. A. nenhuma interferência teve no conflito e afirmo mais: o club dos estudantes até pretendeu evita-lo.

Sabendo de ante-mão que um encontro daquela natureza requeria um pulso forte a dirigi-lo, pediu na A. F. C. por intermédio do seu delegado, para que se mandasse vir um árbitro de fóra. Pois foi o delegado do União uma das pessoas que a isso se opuzeram, declarando que o seu club contava com a receita para satisfazer certos compromissos e portanto não prescindia da parte que lhe iriam tirar para pagar ao árbitro... Isto é: acima dos interesses desportivos os interesses comerciais...

Por sua vez o colégio de árbitros impoz um árbitro de Coimbra, achando um desprestigio a vinda dum estranho, considerando-se os seus dirigentes demitidos. Perante tal attitude, o delegado da Académica, para não levantar atritos, desistiu do seu ponto de vista.

Isto ainda nenhum dos jornais que agora chamam parcial e incompetente a Alvaro Santos, se lembrou de dizer, apezar de andarem bem informados do que se passa dentro da A. F. C. como demonstram.

Iniciou-se o encontro e daí a pouco deu-se o conflito. De quem foi a culpa? Dizem os adeptos do União, diz certa imprensa, que o árbitro e só o árbitro foi o causador!...

Isto é uma injustiça e mais do que isso, é uma afronta aos bons principios que regem o sport, que deve ser acima de tudo uma escola de civilidade.

E se não vejamos: O árbitro apitou para castigar o União com uma grande penalidade. Justa ou injusta, não discutimos, porque por mais injusta que ela fôsse, o que não succedeu, ela não justificava o gesto de indisciplina que houve da parte do União. Por mais vontade que a imprensa ponha na deturpação do conflito, o que ninguém pode esconder é o que toda a gente viu: um grupo insubordinado, não consentindo a marcação do "penalty", chegando o árbitro a ser agredido. Diz-se que este ainda chamou um policia para expulsar do campo um jogador que o agredira e não queria sair, mas que o policia não acedeu. Certamente o guarda não viu, porque a policia de Coimbra está bem instruida e sabe cumprir os seus deveres. Mas esta questão não tem nada com o assunto e só a boa vontade do árbitro em querer continuar o jôgo o podia levar a chamar um guarda. Porque as leis do foot-ball não preveem a entrada de policia nos campos. O juiz é dentro do campo a entidade máxima, e aos jogadores compete obedecer. Se o não fizerem o árbitro só tem um caminho a seguir: terminar o encontro e comunicar o facto á entidade competente. Foi isto que Alvaro Santos fez: cumpriu a lei.

Quanto ás deliberações da A. F. C. não deviam merecer discussão. Todo o bem intencionado que conhece os regulamentos, não podia esperar outra coisa. A direcção da A. F. C. limitou-se a cumprir com os seus regulamentos e só é merecedora de elogios. E' assim, castigando os prevaricadores, que se consegue prestigio. Se assim não se procedesse, estavamos sujeitos a que de futuro succedessem constantemente cenas semelhantes. Todo e qualquer grupo quando as coisas não lhe estivessem a correr bem, insubordinava se, não deixava continuar o jôgo e depois tinha novo encontro!... Isto vinha fatalmente a dar-se e em Coimbra temos o exemplo há alguns anos atraz.

Não acusamos portanto o árbitro. Porque por mais incompetente

que seja um juiz, isso não explica uma insubordinação dum grupo.

Num ponto apenas a A. F. C. não cumpriu com os regulamentos. O art.º 9, diz claramente que um club nas condições em que o União se encontrava, não tinha direito á percentagem. Pois a Associação não querendo inutilizar um club que de ante-mão contava com aquêle dinheiro como fóra declarado pelo seu delegado, determinou que a receita que lhe competia lhe fôsse totalmente entregue.

Pergunto agora: Isto é má vontade contra o União?

O club foi considerado derrotado mas esta resolução era a única que devia ser tomada porque as leis fazem-se para se cumprir. O próprio União já ficou campeão, há bem poucos anos atraz, numa final com o Sport em que o jôgo terminou a meio da primeira parte. E dessa vez o árbitro não chegou a ser agredido...

Para que chamou agora a imprensa affecta ao União *"triste vitória a da Academia"* quando então acharam muito bem?

Sobre os castigos, foi a suspensão de um jogador que agrediu o árbitro, a que mais calunia tem levantado. Mas o art.º 103 do regulamento fala bem claro e sempre se tem procedido assim. Onde está a parcialidade do juiz ao comunicar o facto á A. F. C.? Parcial era êle se occultasse. Isso era ser conivente com os delinquentes: Narrando desassombadamente, foi um homem honesto, um homem merecedor do titulo de desportista.

O maior, o único e grande erro de Alvaro Santos, foi aceder a dirigir o jôgo, porque conhecendo bem o meio, já devia saber o que estas coisas são. Ele é um bom árbitro. Tem-o demonstrado em jogos fóra de Coimbra para o campeonato de Portugal.

A quem attribuir pois, as culpas de tudo quanto se passou? Sômente ao União, porque o seu delegado não quiz um árbitro de fóra e os seus jogadores não souberam ser disciplinados.

Portanto só êle deve sofrer as consequências. Mas está-se vendo que não é assim, pois não é sômente o União o prejudicado, mas o desporto dum maneira geral e os outros clubs tambem, que

(Conclui na página oitava)



# R O M A R I A FOI-SE ME A LUZ DOS MEUS OLHOS . . .

*Meu Coração é uma Aldeia em Festa!  
Ardem balões, foguetes e cantigas...  
E os contornos da voz das raparigas  
Lembram nuvens de poeira na giesta.*

*E enquanto o povo, em turbilhão, se apresta  
Numa algazarra de esfolhar de espigas,  
Eu vou ouvindo as frases mais amigas  
Na linguagem das tuas mãos de giesta.*

*Lá sai a Procissão... Estreitam-se alas  
Na multidão da multidão das falas:  
— Deixai, deixai passar o Andor, com geito...*

*E as tuas mãos, enquanto o povo ajoelha,  
Vão-me rezando uma amizade velha  
Na linda Aldeia em Festa do meu peito!*

(Em preparação: *O teu livro*)

LUÍS CARLOS

a Maia Gabriel.

*Foi-se me a luz dos meus olhos,  
Luz branda que transfigura,  
Escarpas, rochas, escolhos,  
Em praia airosa e segura.*

*— Fugiu!... levou-ma o vento  
Por sobre a crista da vaga...  
Milagre!... Pra meu escarmento,  
Foi-se... levou-ma o vento:  
— A luz branda que me afaga.*

*Áulidos — urvos agudos —  
Urdem negros vaticínios. . .  
Galgo cumes ponteagudos,  
Perscruto a Dôr nos escritos!*

*E a tênue cintila, vibra,  
Como estrela moribunda,  
Enquanto a Alma se libra,  
— Asa ferida errabunda...*

Nov. 1933

SILVA CÁRVALHO

## ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE! DUAS QUADRAS

por ANTONIO DE SOUSA

Este jornal é vosso. Vinde até as suas páginas e comunicai com o público. Formulai os vossos protestos, dai conta dos vossos pensamentos. Só assim esta obra de aproximação a que nos devotamos dará belos resultados!

*— Adeus!... — Que importa um adeus  
a um amor desta sorte?*

*A boca diz: — Nunca mais!  
Diz a alma: — Até à morte!*

*Da alegria de algum dia  
fica a saudade encantada,  
como entro a cinza gelada  
uma brasa que alumia .*

O ano literário, irmão mais novo do ano lectivo, começou bem, em Coimbra. Redobrado prazer sentimos, por êle haver começado pelo aparecimento dum livro dum estudante, — o pequeno volume *Inquietação*, do poeta Maia Gabriel.

No meio de tanta produção inclassificável, é grato ler e reler um livro como êste. Nam país onde quasi toda a gente verseja, é raro aparecer alguém que se leve a paragens inaccessíveis para muitos e aí nos presenteie com frutos do seu labor, dando-nos mostras claras de talento.

Maia Gabriel surpreenda-nos. Trata-se dum valor da geração de hoje que andava perdido por esquecidos jornais da provincia, um camarada nosso que ainda se não havia revelado aos seus irmãos, precisamente por não dispor dos meios necessários. Fê-lo agora, e bem. Revelou-se a todos

## FEIRA DOS LIVROS

« INQUIETAÇÃO »

POEMAS DE MAIA GABRIEL

os estudantes de Coimbra êste poeta que é

*ânsia que se perde e se desfaz  
No ritmo virginal da inquietação.*

Admirável poeta, êste! Não enfileira ao lado dos outros, engrossando o vogalhão da vida. Não! A' custa do seu próprio esforço, prefere impor-se, demandar outras paragens, — aquelas paragens que nem todos conseguem atingir. Guia-o a Razão, cujo «fluido iro-

nizante se insurge contra tudo o que é fugaz.» Pensa na Verdade Universal e comanica-nos as suas reflexões. No meio das visões que o cercam, «lampeja a chama grandiosa da ideia doutros Mandos, doutro Além!» Trabalho da inteligência a agir em face das manifestações de vitalidade, das preocupações do seu espirito. Até que atinge a sua canção *Deus*: a maior entre as grandes canções do seu livro!

...O que havia ainda que dizer sobre o livro de Maia Gabriel! Mas êsse trabalho compete à critica. E nós quizermos apenas registar o aparecimento do *Inquietação* para salientarmos a forma como começou o novo ano literário.

— Luís Carlos, poeta da nova geração de Coimbra que marcou a sua posição com desassombro e talento, anuncia, para breve, a sua primeira obra, sob o título singelo mas expressivo de *O teu livro*.



# A VIDA DOS ESTUDANTES DE COIMBRA ANTONIO NOBRE

(Conclusão da página segunda)

Das três academias universitárias portuguesas, a Academia de Coimbra é, sem dúvida nem desprimôr para as outras, aquela que mais se impõe pelas suas manifestações.

Este facto, porém, que todos e em toda a parte reconhecem, não surpreende, dadas as condições excepçionalísimas e inéditas que o meio lhe oferece, parecendo moldado para esse fim, exclusivamente.

Os estudantes de Coimbra vivem, em consequência, duma maneira característica, condicionada ao meio e defendem elegantemente o legado de glorioso prestígio que outras gerações lhes deixaram!...

Ao pisarem pela primeira vez o chão da cidade do Mondego e das duas Rainhas, Santa e Mártir, fazem-no já cônscios dos deveres que lhes cabem e da responsabilidade que assumiram. Nenhum deles, por mais certeza que seja a terra onde nasceu, ignora as tradições de glória da Velha Academia, a que o romance da cidade empresta brilho e cor!

Por mais oculto que fique o lugar onde lhe principiou a Vida, não o fica tanto que ali não tivesse chegado já a sua fama, através das suas manifestações e expansibilidades.

Entre as manifestações de vitalidade da Academia Coimbrã, avultam incontestavelmente as suas agremiações não só de carácter associativo mas ainda de carácter artístico e de cultura.

A Associação Académica, síntese de todas as outras, é uma associação que se impõe indubitavelmente pelo seu incontestável prestígio. Dela fazem parte todos os estudantes universitários com a excepção daqueles, poucos, felizmente, que ainda não compreenderam que tal é a sua obrigação como estudantes, membros duma família unida por laços indestrutíveis, e que em última análise se redaz a um dever elementar de camaradagem e solidariedade.

Está instalada num esplêndido palácio, na Rua do Dr. Cândido Reis, palácio este que foi heroicamente conquistado aos Lentes por Fernandes Martins, Augusto Fonseca, Pompeu Cardoso, João Rosa, Paulo Evaristo Alves, Gil Cabral, Gualberto de Melo, Antero Lucena do Val, Augusto Victor e outros nomes também brilhantes da sua geração, no dia glorioso de 25 de Novembro de 1921!

Neste edifício se instalaram também o Orfeon Académico, o grupo coral de maior relevo artístico do país; a Tuna Académica, brilhantíssima nas suas tradições e que

ainda há bem poucos anos realizou a sua viagem triunfal às Terras de Santa Cruz; e o Fado Académico, das agremiações artísticas académicas e mais nova, que pelas suas festas, de carácter acentadamente académico, enormemente tem contribuído para uma perfeita aproximação entre professores e estudantes.

JORGE DE MORAIS

## FALTA DE TEMPO

*Numa página brilhante que só podia ter saído do seu belo espirito, o Doutor Joaquim de Carvalho, renovador dos estudos filosóficos em Portugal, dizia, há dias, entre muitas outras cousas e sob o título « Reflexão outonal sobre a Universidade de todo o ano »:*

— O tempo é a coisa mais preciosa da escolaridade dos mestres e estudantes.

*Quando um mestre de tamanha envergadura se pronuncia desta maneira, com desassombro, com justeza de conceitos, — é porque os estudantes também podem dizer algo.*

*Esta questão da falta de tempo na vida universitária parece que se eterniza. Nanja por nossa culpa. Pois o labor que as aulas nos trazem nem nos deixa tempo livre para formularmos protestos...*

## CENTENÁRIO DE MONTAIGNE

Promovida pelo Instituto Francês em Portugal e sob o patrocínio da Universidade de Coimbra, tem lugar na Sala dos Capêlos, no próximo dia 5, pelas 21 horas, uma sessão comemorativa do IV centenário do nascimento de Montaigne.

Usarão da palavra Mr. Jean Plattard, Professor da Universidade de Poitiers, e os Professores da nossa Faculdade de Letras, senhores Doutores Eagério de Castro, Joaquim de Carvalho, Agostinho de Campos e Sílvio de Lima.

## NOVO JORNAL

Dirigido pelo académico sr. Cândido Frazão, começa a publicar-se brevemente, nesta cidade, um semanário desportivo, que sairá aos domingos.

repousa Santa Isabel, — dona de altas virtudes.

O Poeta, ali, vivia ladeado pela quietude do lugar. Os ramos do bargo não chegavam até êle, não chegavam ainda ao adro do Colégio Novo, — onde se ergue a torre de Anto. E rodeavam o Poeta as mais variadas perspectivas, o cenário mais empolgante: a colina da Conchada, batida de sol, alto miradouro que se debruça sobre a cidade, lá adiante, à direita, — e um palácio histórico, da era de esplendores, o Palácio de Sab-Ripas, á esquerda, servindo de pano de fundo, patinado pelos séculos, com suas paredes denegridas e com seus medalhões esculpidos, enervados na cantaria, a desfazerem-se, pelos beijos contínuos do tempo...

António Nobre morrea já, para a vida. Mas vive ainda, para todos nós. Viverá sempre, nas almas dos que sentem. António Nobre, por isso, ficava bem, muito bem, ali, naquele sítio êrmo e pacato, — num monumento que perpetuasse a sua memória.

O busto do Poeta, em bronze, foi já oferecido a Coimbra pelo seu grande admirador e grande Artista também que é o Dr. Alberto de Oliveira. Que resta, pois?

Que a Câmara Municipal, que a Comissão de Turismo, que todas as entidades oficiais, enfim, metam ombros à idéa e a levem por diante, de forma a Coimbra saldar uma dívida em aberto, uma dívida que Coimbra deve saldar, e depressa.

António Nobre ficava bem, ali, para sempre, para todos os séculos dos séculos — na quietude, na pacatez do sítio.

## “Coimbra”

Condições de assinatura:  
Série de 10 números 5\$00  
Pagamento adiantado



# Bolachas e Biscoitos

DA

# NACIONAL

A

GRANDE MARCA PORTUGUESA

## ARNAUT FERREIRA

ENCADERNADOR

**Pastas de luxo : Pastas de calf**

Vendas de pastas e fitas para todas as Faculdades

**RUA BORGES CARNEIRO, 5-7**

## CIDADE ROMANTICA

Novela de António Cruz  
onde são focadas  
algumas figuras  
das ultimas gera-  
ções de Coimbra

**Aparece em Janeiro**



# OS ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA DEVEM HOMENAGEAR OS SEUS CAMARADAS MORTOS NA GUERRA

*Recebemos do sr. dr. Fernandes Martins, ainda hoje bem querido de todos os estudantes pela maneira brilhante como marcou a sua passagem pela Universidade, a carta que se segue, — apelo sentido que merece de todos nós o melhor acolhimento e aplauso:*

*Meu caro Jorge de Moraes velho e querido amigo.*

Enquanto fui estudante — que profunda saudade sinto já — não conseguí ver realizado um sonho que, por muito tempo, embalou o meu coração. E, apesar de terem decorrido alguns anos sobre a minha formatura, o mesmo sonho

continua a embalar a minha alma, presa ainda da enorme ansiedade que sempre teve de ver dar-lhe consecução.

Ea lhe digo:

Na emocionante jornada da Grande Guerra, mobilizados para o cumprimento de um sacratíssimo dever, muitos dos estudantes de Coimbra partiram, entre os filhos do Povo, para a frente da batalha, levando todos á sua guarda a Bandeira de Portugal.

Por muito tempo eles sofreram as horas angustiantes dêsse Calvário Hamano, ora tingindo com o generoso sangue da sua mocidade a neve da Flandres, ora queimando e fronte, na aridez calcinante dos nossos domínios de Alem-mari

Finda a Guerra nem todos voltaram.

Muitos ficaram lá para sempre, mortos no fragor do combate, quando mais bravamente defendiam a Bandeira que em boa hora lhes foi confiada, e hoje ondata aos quatro ventos como simbolo glorioso da nossa Pátria Imortal.

Ora, meu caro Jorge, eu procurei sempre conseguir, enquanto fui estudando, que no mármore de uma lápide colocada na Associação Académica, a minha geração rendesse culto á memória dos seus camaradas mortos ao serviço da liberdade do Mando e da Independência da nossa Terra!

Não conseguí; mas a belesa do meu sonho não se extinguiu já — mais adentro de mim, e, hoje como então, éte abraça ainda a minha alma, neste desejo alvorçada.

A Universidade — honra lhe seja — prestou-lhes já, num modesto padrão, a sua comovida homenagem.

Os estudantes, porém, não o fizeram ainda. A sua dívida sagrada continua em aberto.

Ora, meu querido amigo, eu conheço bem as suas altas qualidades de português e republicano, e o amor devotado que tem pela sua capa negra. E, se me der licença, eu apelo agora para essas nobilissimas qualidades que tanto o distinguem e peço-lhe, ardentemente, que tome sobre si o encargo de promover que os estudantes da sua geração levem por deante aquilo que a minha não pode fazer.

Eles — os mortos — bem o merecem.

Ao sacrificio que fizeram — ninguém pode nega-lo — deve a Pátria a sua independência e nós portugueses o orgulho de sermos livres.

Não esqueça, meu caro Jorge, o pedido que lhe faz o seu antigo camarada e velho admirador que affectuosamente o abraça,

FERNANDES MARTINS.

## DESPORTOS

(Conclusão da página quarta)

hão-de ver fugir o público dos campos, aborrecido com estas cenas degradantes e anti-desportivas que desgostam os desportistas honestos. E quando êsse público que paga para ver foot-ball, que que ajuda os clubs a viver e satisfazer os seus compromissos, faltar completamente, veremos quem tem razão.

Esta é que é a verdade absoluta. Lamentamos o que acaba de succeder ao União. E' um club de tradições. Não será aquêl: a quem o foot-ball da cidade mais deve como um jornal já afirmou, mas alguma coisa o desporto lhe deve!

Foi algumas vezes campeão de Coimbra muito merecidamente e honrou a cidade em competições onde fez figura e se afirmou. Mas por isso mesmo tem responsabilidades e tem restrita obrigação de ser disciplinado para bem da causa que serve.

O colégio de árbitros deve sentir-se satisfeito por ver que a A. F. C. soube prestigiar os membros daquela colectividade.

Infelizmente sabemos que alguém que a êle está ligado, cego pelo affecto ao club, anda a desfazer e a achincalhar a entidade que se soube impor: a A. F. C.

Tristes os que assim procedem e infeliz do desporto enquanto não conseguirmos banir de seu seio elementos tão perniciosos.

A' imprensa, essa imprensa que deturpa os factos e não sabe cumprir a sua missão, aconselhamos que seja honesta.

## CENTENARIO DA PORTA FERREA

(Conclusão da página primeira)

obras da cidade e mais tarde das obras universitárias.

Com pequenas modificações sofridas no século XVIII chegou até nós a consagrada Porta Férrea. A brandara da pedra de Outil e Ança de que foi construida conduzia porém vários dos seus elementos a um estado de ruina que obrigou a pensar numa restauração medida e cuidadosa desse doamento artistico da Coimbra seiscentista. Foi, há poucos dias, arrematada a obra, que será executada no próximo ano. 1634-1934!

O pacífico arco de triunfo consagrado a Minerva, representação simbólica, que pode ser do principio e findar de cursos, bem merece da parte da Academia, a cuja vida está secularmente ligado, uma festa comemorativa na altara do seu terceiro centenário.

Trezentos anos leva a Porta Férrea sentindo correr entre o aparatoso de sua architectura da Renascença final, sob as estátuas magestáticas da Universidade, os manipiaços reis e os vultos das Faculdades, a levada de idealismos e esperanças que cada geração acalenta e transporta. Acho justo que a torrente viva se detenha, e uma vez em três séculos saíde a veterana dos veteranos!

## FADO ACADÉMICO

Está aberta a inscrição de novos sócios até ao dia 10 de Dezembro.

Quizeram dois Professores da Universidade, — os senhores Doutores Eugénio de Castro e Vergílio Correia — dar-nos a honra da sua colaboração, num entendimento perfeito do que deve ser a aproximação de Mestres e alunos. A êstes dois, outros Professores se vão seguir: e, assim, COIMBRA inserirá, todos os números, colaboração sua.

Endereçamos os nossos respeitosos agradecimentos a quem desta forma acolheu e acarinha a nossa iniciativa.